

Entre Histórias e Memórias das “Folhas” nos anos 1920¹

Célio José LOSNAK²

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, SP

Resumo

O ponto de partida deste texto é uma pesquisa ampla sobre a *Folha da Noite* e a *Folha da Manhã*, publicadas entre 1921 e 1930, abordando-as como atores sócio-históricos e expressões de articulações entre instituições, saberes e práticas correntes na sociedade brasileira da época. Elaborando o debate bibliográfico em torno dos dois jornais constata-se que ao longo de décadas, essas memórias foram publicadas pelo jornal, impressas em livro, usadas por pesquisadores acadêmicos e produtores de livro que, por sua vez, também foi objeto de leitura da *Folha de S. Paulo*. Propõe-se reconstruir o processo de narração da história dos jornais e das opções de abordagens dos autores, demonstrando estreitos vínculos entre memória e conhecimento histórico, e conflitos permeando interpretações do passado e ênfases diferenciadas de memórias.

Palavras-chave: história, imprensa, jornalismo, memória;

Introdução

Esta apresentação discute leituras e usos de fontes bibliográficas e memorialísticas, realizadas por historiadores e jornalistas, referentes à História da *Folha da Noite* e *Folha Manhã* publicadas nos anos 1920. O ponto de partida é uma pesquisa sobre os dois jornais e que, em fase de reflexão metodológica e de problematização do objeto, busca identificar abordagens elaboradas por autores de livros e redatores da *Folha de S. Paulo* lançaram mão de fontes impressas e orais. A reflexão aqui desenvolvida permitiu mapear a existência de imbricamento entre história e memória tendo como agentes de elaboração historiadores, jornalistas e empresa midiática.

A ampla pesquisa, em fase inicial, objetiva refletir sobre os diários enfatizando o liame entre duas perspectivas: os jornais como atores sociais e como expressões de instituições, saberes e práticas circulantes na sociedade brasileira do início do século XX, especialmente a paulista dos anos 1920. A abordagem pretende abarcar as ligações com diferentes poderes, os profissionais e suas relações sociais e culturais (JEANNENEY, 2003), o lugar de sociabilidade em que indivíduos articulam-se em torno de projetos coletivos de difusão de ideias e valores (SIRINELLI, 2003), a produção da notícia

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em História Social pela FFLCH-USP-SP; email: losnak@faac.unesp.br

envolvendo várias “forças” em interação - pessoal, organizacional, social, ideológica, do sistema cultural, histórica, do meio físico, dos dispositivos tecnológicos (SOUSA, 2002) - e, em aspecto amplo, a relação entre produção jornalística e tendências das dinâmicas econômica, política, social e cultural (SCHUDSON, 1978). Ao recortar a perspectiva temporal (BLOCH, 2001, um ponto importante é avaliar as características da produção impressa dos anos 1920 integrando tendências recentes e aquelas decorrentes de décadas anteriores, identificando elementos do tradicional e do moderno; na questão espacial, quais conteúdos e formas seriam próprios da sociedade paulista e quais seriam nacionais.

O recorte temporal escolhido para a pesquisa e esta apresentação compreende o início da *Folha da Noite*, em 19/02/1921, o início da *Folha da Manhã*, em 01/07/1925 até o empastelamento dos dois diários, ocorrido em 24/10/1930, durante a denominada Revolução de 1930³. Segundo a bibliografia, o período apresentaria uma fase editorial única, sob coordenação de Olívio Olavo de Olival Costa e de Pedro Cunha, entre 1921 e início de 1929, quando Olival segue como único proprietário até janeiro de 1931⁴. Com a destruição das instalações, os impressos param de circular e são vendidos para outro dono que imprime linha editorial diferente.

O trabalho foi iniciado pelo levantamento e análise bibliográfica em torno do tema do corpus previsto, objetivando dimensionar a produção pré-existente e as reflexões já elaboradas por autores nas áreas de Comunicação, História e Sociologia. Constatou-se que as obras consideradas clássicas (TASCHNER, 1992; MOTA, CAPELATO, 1981⁵) e referências de destaque apontam direcionamentos importantes para pensar alguns pontos do objeto em pauta, mas observa-se que dois autores não se aprofundaram nos anos 1920, por optar por abordagem temporal mais longa (MOTA, CAPELATO, 1981), e Taschner se voltou para análise da instituição nos anos 1960 e 1970 (1992).

Percorremos os textos citados, observando as análises de cada um e as opções metodológicas que determinaram as explicações e elaboraram narrativas definidoras de ênfases em agentes, ações e espaços sócio-históricos se desdobrando na reconstrução

³ A *Folha da Noite* foi impressa até o dia 23/10/30, sofreu interrupção e teria voltado a circular a partir de 20/01/1931 com novo proprietário e nova orientação editorial. A *Folha da Manhã* circulou até 24/10/30. Há certa imprecisão das datas do período subsequente, o arquivo online contém edições de 25/12/1930 à 04/01/1931, provavelmente com direção de Olival, embora fosse publicado o nome de Hamilton Pinheiro da Cunha. Posteriormente, foi relançada em 15/01/1931 sob propriedade de Octaviano Alves de Lima.

⁴ Olívio Olavo Olival Costa nasceu em 1876, no município de Amparo, trabalhou ali como jornalista, passou a morar em São Paulo, frequentou o Curso Anexo da Faculdade de Direito, mas desistiu. Foi gráfico no *Comércio de S. Paulo*, redator do *Estado de S. Paulo* e, em 1921, com Pedro Cunha e outros colegas, criou a *Folha da Noite*. Publicou, em 1920, *Manual do Turfe* e faleceu em 1932 (MELO, 1954; PINTO, 2012).

⁵ Há também uma obra mais recente (PINTO, 2012) que, embora não tenha categoria de “clássica”, está voltada para a História da *Folha de S. Paulo*, é mais modesta e tem viés oficial. História da Imprensa no Brasil (SODRÉ, 1999) também é um livro clássico sobre o tema e o período, mas não explora as “Folhas” dos anos 1920.

histórica dos dois diários, precursores da *Folha de S. Paulo*, contribuindo para consolidação de interpretações e imagens sobre o passado. Cotejamos as fontes, além dos jornais propriamente ditos, e constatamos que os relatos de jornalista da época têm sido material importante de consulta. Dois profissionais que se mantiveram como intelectuais respeitáveis nas décadas seguintes, Paulo Duarte (1972) e Francisco Pati (195-), produziram material informativo sobre a atuação deles nas “Folhas”. Parte desses escritos foi publicada no próprio jornal e outra parte foi publicada em livro.

Os relatos partem da memória individual dos antigos jornalistas, é publicada pelos jornais, lida e utilizada pelos pesquisadores, recortando abordagens e veiculando-as por livros. A erudição do intelectual dá corpo à memória, possibilita a reflexão sobre aquele passado distante e estabelece uma inteligibilidade para a trajetória do jornal e dos jornalistas. A *Folha de S. Paulo* anuncia o livro que reconstrói sua história (MOTA, CAPELATO, 1981), une pontos no tempo, realça uma tradição que acentua a respeitabilidade da empresa, ao mesmo tempo em que discute a abordagem e faz leitura crítica da pesquisa. Tensão e convergência, diferentes leituras e posicionamentos no presente caracterizam a recepção do livro e a sua divulgação pelo jornal. História, memória, jornalista, jornal impresso e empresa interagem e se retroalimentam na busca das origens e na elaboração de fios condutores e encadeadores de sentido que perpassam décadas e buscam inteligibilidade do trabalho jornalístico no passado e no presente.

Imbricações entre Histórias e Memórias

História da Folha de S. Paulo (MOTA, CAPELATO, 1981) ainda é a obra mais completa sobre o grupo “Folha”, de 1921, ao momento do lançamento do livro. Os autores eram historiadores experientes e aceitaram a solicitação vinda do secretário do conselho editorial da Folha, Otávio Frias Filho, para a pesquisa e redação do texto. Apesar dessa encomenda, o livro tem relativa liberdade para tratar do passado, mas demonstra tato para problematizar polêmicas do período referente à propriedade e direção da família Frias. Como o próprio Carlos Guilherme Mota explica, o livro reconstrói as quatro fases do jornal, cada uma com um grupo proprietário e com política editorial específica, aborda o perfil ideológico dos dirigentes e o conteúdo da publicação⁶.

⁶ As fases históricas correspondentes a proprietários diferentes com suas respectivas linhas editoriais são: 1- de 1921 a 1931, dirigidas por Olívio Olavo de Olival Costa e Pedro Cunha; 2- de 1931 a 1945, pertencentes a Octaviano Alves de Lima; 3- de 1945 a 1962, controlada por José Nabantino Ramos, tendo com sócios Clóvis Queiroga e Alcides Ribeiro Meireles, e em 1960 torna-se apenas Folha de S. Paulo; 4- de 1962 a 1981, administrada por Carlos Caldeira Filho e Octavio Frias de Oliveira.

Segundo os autores, entre 1921 e 1930 as “Folhas” estavam voltadas para a classe média, possuía atenção com os segmentos populares, principalmente a classe operária urbana, eram contrárias às oligarquias, fiscalizavam o governo e criticavam o poder instituído, defendiam a causa pública, a verdade e a verdadeira república democrática, davam atenção especial aos problemas urbanos e sociais. Explicitavam tendências do pensamento positivista, expressas pelo apoio da Liga de Defesa Nacional e a Liga Nacionalista que se preocupavam com a educação cívica do povo, a defesa da nação, o serviço militar, a neutralização dos conflitos sociais e da luta de classes. Ao mesmo tempo, compartilhavam de referenciais liberais usados na campanha pela autonomia federalista dos estados, na moralização da política, afastando do poder as oligarquias, a defesa pelo voto secreto e o fim da hegemonia dos partidos.

A aparente ambiguidade entre vínculos com a classe média e a defesa de demandas das classes populares se tornava mais complexa com o apoio aos cafeicultores e à economia paulista. Para os autores, a base do posicionamento dos jornais, apesar de algumas diferenças entre a *Folha da Noite* e a *Folha da Manhã*, era a visão de uma imprensa que visava ao apoio de uma sociedade republicana, mas seguindo os princípios da ordem, defendendo-se de conflitos que ameaçassem a estrutura de classes e a preponderância das elites.

A leitura que estamos realizando da *Folha da Noite* sinaliza para pertinência das argutas observações de Mota e Capelato (1981). Tudo indica que essas afirmações podem ser comprovadas, embora precisem ser detalhadas e identificadas diversos matizes por jornal, temas e períodos. A questão a ser destacada aqui é um dos tipos de fontes utilizadas pelos autores para reconstruir as características jornalísticas dos dirigentes, o processo de trabalho na redação e oficinas e os vínculos dos profissionais com o jornalismo. Uma dessas fontes é a memória de Francisco Pati (195-)⁷.

A primeira veiculação no jornal dessa memória está na página cinco da *Folha da Manhã*, de 09/11/1945, estampando o título: “Francisco Pati - Inaugurado ontem na A.P.I. o retrato do jornalista Olival Costa. Conferência do Sr. Francisco Pati historiando a carreira do fundador das ‘Folhas’ na imprensa de São Paulo”. É reproduzido o discurso de Pati

⁷ Segundo o Dicionário de Autores Paulistas (MELO, 1951, p.454-55), Francisco Pati nasceu em Amparo, em 1898, era conterrâneo de Olival, foi professor primário no interior, formou-se em direito na capital e exerceu a advocacia. Junto com Cassiano Ricardo publicou a revista *Novíssima* (1923/1925), fez parte da Liga Nacionalista, posteriormente, nos pós-30, atuou em diversos impressos (*A Platéia*, dirigiu a revista do arquivo municipal e outros jornais) e órgãos (Departamento de Cultura), foi membro da Academia Paulista de Letras, da OAB e do Sindicato dos Jornalistas.

proferido na Associação Paulista de Imprensa em cerimônia de instalação do retrato de Olival Costa na sala de honra.

O narrador relata que recebeu um convite de Olival por telefone e detalha a primeira visita às instalações da *Folha da Noite*, em 1925, às vésperas de lançamento da *Folha da Manhã*. Pati descreve o local delineando um ambiente simples, modesto e precário, onde no mesmo espaço conviviam “oficina, redação e gerência”, misturando atividades e profissionais, imersos em grande ruído das máquinas, mas sob controle preciso de Olival, a custo de desgaste comprometedor de sua saúde.

E é nessa parte da rememoração que o jornalista atribui a Olival uma fala reveladora de posicionamento profissional do criador da *Folha da Noite*, e que seria repetido por vários autores que escreveram sobre esse período, mas que só tiveram acesso por uma lembrança registrada cerca de vinte anos depois do ocorrido:

“Um jornal – dizia – não é uma poliantéia. Quem quer literatura, busca-a nos livros. A função do jornal é informar. Mas informar não é apenas noticiar: é, a um tempo, selecionar e orientar. No esforço de selecionar se acha subentendida a obrigação de criticar”.

Em diversos momentos, Pati refere-se ao perfil jornalístico de Olival enaltecendo-o e sugerindo que essas mesmas qualidades materializavam-se no produto do trabalho, *A Folha da Noite* e *Folha da Manhã*. Declara que apesar de não conseguir cursar a faculdade de direito, Olival “consagrou-se definitivamente de corpo e alma ao jornalismo, que é a maior de todas as advocacias, porque põe nas mãos de um homem de bem o mais completo de todos os mandatos: a defesa da causa pública”. Além disso, atribui a Olival “a força do caráter e o brilho da inteligência” e a virtude da “lealdade para com seus leitores”⁸.

Pati ainda afirma que diante do autoritarismo dos governos dos anos 1920, o jornalista se armou contra o despotismo, foi esperto registrando vários títulos para usar quando um deles estivesse proibido. Ao mesmo tempo, era independente e correto, imparcial, com dedicação, renúncia e desinteresse. A sabedoria do diretor ponderava que o bom profissional não pode “recorrer à virulência de linguagem”, não deve demonstrar “destempero de palavras”. Ele “corrige sem ameaçar, critica sem ofender”. Por isso, Olival era “corajoso sem ser temerário nem provocador”.

⁸ A qualidade do Olival continua a ser descrita por meio de mais elogios. “A honestidade das informações, o bom humor dos comentários, a oportunidade das reportagens, a síntese que presidia à sua elaboração,...” regiam o trabalho do homenageado. A criação dos jornais também era resultante de suas virtudes, pois a empreitada não foi feita por esporte ou por “amor à aventura”, mas em “obediência s um imperativo da sua formação moral, do seu temperamento e do espírito público,...”.

A memória de Pati é encomendada. Ele profere o discurso, na Associação Paulista de Imprensa, que é resultado da lembrança transposta para o texto escrito, trabalhado e burilado para ser falado em uma cerimônia de homenagem ao precursor das “Folhas”. Portanto, nada mais adequado do que um discurso laudatório, enfatizando a personalização do homenageado, justificando a homenagem e permanência do Olival na memória da instituição e da categoria profissional. Precisaríamos saber sobre o jogo de relações que teriam escolhido a figura de Olival como símbolo da história da profissão, mas não é possível. Apesar disso, reconhecemos que somente a escolha já expressa a elaboração de uma memória coletiva da categoria jornalista (HALBWACHS, 2006), que será reforçada e mantida pela presença do quadro na parede de um lugar de memória (NORA, 1993) para ser preservada e justificada pela lembrança de um companheiro respeitável, uma autoridade no meio. E posteriormente ampliada para além do grupo e da sede, atingindo o grande público por meio das páginas do diário.

Outra parte significativa do discurso de Pati refere-se ao processo de criação dos jornais. Ele reafirma o perfil empreendedor do Olival lançando mão da imagem bíblica de que “no princípio era o caos”, quando um grupo de profissionais dispostos a criar um veículo, mas sem planejamento, “apenas vocações irresistíveis; mais nada” editam os veículos que encontram ressonância naquela sociedade, fazem sucesso e alcançam autonomia e longevidade.

Como era apropriada para uma homenagem, a narrativa está centrada no indivíduo e na descrição de todas as suas virtudes, no pioneirismo, no espírito de “aventura”, na visão “profética” de que a empreitada teria sucesso, de que o jornalismo teria espaço no mercado daquele tempo⁹, na pureza e força da proposta de um jornalismo verdadeiro¹⁰. Não há espaço, nessa memória, para colaboradores, redatores, insucessos; algumas fragilidades e conflitos são explicitados como potencialidades¹¹. Restou na memória a trajetória de apenas

⁹ Com a experiência do Estadinho, um vespertino criado pelo *Estado de S. Paulo* para noticiar sobre a Segunda Grande Guerra e que posteriormente foi interrompido, Olival teria criado, junto com um grupo que trabalhava com ele, a *Folha da Noite*. Pati afirma que uma inovação porque até então não existia, “o hábito da informação de última hora”, embora esse costume tivesse sido possibilitado por meio do Estadinho durante a Primeira Grande Guerra. Com a *Folha da Noite* as pessoas se acostumaram a sair do trabalho no final da tarde e comprar o diário, carregá-lo no bolso, ler no bonde observando “uma janela aberta sobre a realidade universal”. Não era mais apenas a informação de manhã que passava a ser corrente, situação tradicional em que os jornais procuravam os leitores. Na lembrança, a partir daí, a ordem teria se invertido, pois eram os leitores que procuravam os jornais para comprar porque estes teriam as notícias do mesmo dia, uma novidade fascinante.

¹⁰ Também afirma que vocação é tudo nessa profissão, porque o segredo é saber identificar que tudo pode ser assunto interessante ao público. E para ser popular o jornal não podia ser literário, não poderia ter floreios e texto difícil. Tudo isso eram visões de Olival que orientavam a publicação e concretizavam elementos do jornalismo moderno.

¹¹ Por exemplo, ele se opõe a interpretação de que os jornais teriam se desmoralizado com o empastelamento de 1930. Para Pati, Olival teria se engrandecido pelo sacrifício da perda do jornal, menos pela questão política e mais pela devoção a São Paulo. Desmoralizados teriam ficado seus depredadores que destruíram símbolos da força paulista.

um indivíduo. Os jornais não aparecem com produto de um trabalho coletivo, apenas de uma pessoa que, por sua vez, é reconstruído por uma imagem idealizada. E o jornalismo praticado por essa imagem não existe mais, ficou no passado romantizado da pureza dos princípios, na leveza da novidade em que tudo estava para ser construído.

Há cerca de dez anos depois, Pati publica o livro *A Cidade Sem Portas* (195-), misturando ensaios sobre jornalismo e o mesmo discurso proferido em 1945. Na apresentação são inseridas algumas cartas de amigos entremeadas por depoimentos do autor sugerindo que os textos começaram a ser elaborados em 1936, para uma palestra na Associação Paulista de Imprensa e, posteriormente, em 1953, em outra apresentação na União Cultural Brasil Estados Unidos. Essas informações buscam indicar a respeitabilidade e representatividade do autor como jornalista reforçando a autoridade das memórias que serão reproduzidas no livro e vão perpassando as décadas em diversos suportes de comunicação. O texto sobre Olival Costa corresponde à segunda parte do livro, denominada de *Jornalismo e Jornalistas*. A diferença é que ele foi segmentado em capítulos com o acréscimo de títulos, mantém os mesmo parágrafos, com ligeiras diferenças, por exemplo, o parágrafo curto, de duas ou três linhas é acoplado ao seguinte¹².

Na mesma década do lançamento do *Cidade Sem Portas*, Paulo Duarte lança a obra *Cento e Vinte sete anos de imprensa paulista*¹³. Também jovem redator das “Folhas” naqueles anos 1920, posteriormente intelectual e jornalista respeitável, Duarte edita o texto como separata de *Ensaio Paulistas*, publicações que faziam parte das comemorações do IV Centenário da cidade de São Paulo em 1954. Posteriormente, foi publicado pela Escola de Comunicação e Artes com título de *História da Imprensa em São Paulo* (1972). A obra aborda a imprensa em São Paulo, dos anos 1820 aos anos 1940, e tem pouca informação sobre as “Folhas”¹⁴. Entretanto é uma das produções do autor que, junto com sua trajetória profissional, o permite publicar na página dois do caderno Ilustrada da *Folha de S. Paulo*, de 06/03/1966, *Pré-história da Folha de S. Paulo*.

Duarte segue linha similar à de Pati. Apresenta vários trechos ressaltando o viés inovador que regia o trabalho daqueles anos 1920. A pobreza, o improvisado e o idealismo regiam o grupo de jornalistas de que ele fazia parte: num tempo “que já vai longe quando

¹² Títulos: 1- Olival Costa, fundador de jornais; 2- Nascimento de um jornal; 3- Esplendor e miséria do jornalismo; 4- Profissão Perigosa; 5- Guerras, revoluções, empastelamentos; 6- Tudo é assunto.

¹³ Paulo Duarte nasceu em São Paulo, em 1899, formou-se na Faculdade de Direito em 1927, atuou na *Folha da Noite* e dirigiu o jornal do Partido Democrático, *Diário Nacional*.

¹⁴ Os dados factuais também são reduzidos e não detalham sobre informações significativas, quer em relação às características dos veículos, quer em relação às trajetórias profissionais, intelectuais e ideológicas dos dirigentes e redatores.

um grupo de pequenos jornalistas, sem eira nem beira, se reuniu para uma grande aventura”. Relata a experiência de participar da primeira impressão da *Folha da Manhã*, com vários problemas nas rotativas, implicando em atraso, mas apesar da expectativa diante das dificuldades e a possibilidade de as coisas não darem certo, havia bom humor e ludicidade, envolvimento e união para fazer sair mais um produto daquele grupo que enfrentava sem dramas os desafios. A precariedade do trabalho não apresentava problemas, conflitos do cotidiano e tensões nas relações, inexistiam. Era uma grande fraternidade.

Duas semanas depois, em 20/03/1966, Paulo Duarte apresenta mais uma publicação na página dois do caderno Ilustrada: *Ainda sobre a pré-história da Folha de S. Paulo*. É uma oportunidade para reproduzir a carta de Pedro Cunha, sócio de Olival Costa, que havia lido o texto anterior e com as reminiscências a floradas, registra a sua versão sobre aquela época complementando e corrigindo Duarte. Cunha mantém a perspectiva dos memorialistas-jornalistas. Participou da criação da *Folha da Manhã* e relata o momento enfatizando a importância de alguns personagens. Afirma que Armando de Sales Oliveira por ser o diretor superintendente da S/A O Estado de S. Paulo, teve papel decisivo no processo, ouviu a proposta e aceitou prontamente o financiamento solicitado por Cunha, expressando “um sorriso discreto e paternal” apesar da possibilidade de riscos porque ninguém sabia no que ia dar aquela empreitada. Relata também que, na mesma tarde, Júlio de Mesquita disse “sejam felizes”, apesar de considerar temerário o plano e ao mesmo tempo estar apoiando a criação de uma empresa concorrente.

Nessa memória, é como se as relações pessoais fossem fortes a ponto de apoiar a iniciativa dos funcionários da própria empresa, sem preocupação com perdas e crescimento de um concorrente. Outra ideia pressuposta nessa narrativa é o culto à generosidade do chefe e do patrão que tiveram papel decisivo e foram personalidades importantes na política paulista. Taschner (1992) interpreta essas questões como demonstração da incipiência mercadológica daqueles dirigentes, mas também como sinal da existência de relações de compadrio dentre um grupo de intelectuais. Destaco que a lembrança foca nos grandes personagens, nas qualidades desses indivíduos que tinham poder de conduzir a produção jornalística e deixam na escuridão suas contradições, tensões e movimento mais amplos que permitiram o crescimento dos jornais¹⁵.

¹⁵ Ele é o único que relaciona nomes de pessoas que trabalham nos dois jornais. São 29 nomes sem identificação de alguma de atividade desempenhada. Alguns deles são largamente conhecidos, destaco: Francisco Pati, Raul Bopp, Guilherme de Almeida, Cornélio Pires, Silvio Floreal, Mario Pinto Serva, Malba Tahan.

Duarte também corrobora com aquela visão de que vigia o imprevisto e a aventura, uma experiência de profissionais jovens e competentes que queriam “fazer carreira no jornalismo” e foram crescendo e se consolidando.

As memórias de Pati, Duarte e Cunha são reproduzidas pelos autores como fontes factuais explicitadora dos acontecimentos dos anos 1920. As suas publicações indicam que eles se sobressaíram diante de tantos outros profissionais que atuaram nas Folhas, mas por algum motivo, não registraram suas versões, ou ainda, não foram consideradas, tornando os três jornalistas autoridades para relatar a trajetória das Folhas na década de 1920.

A publicação pelo jornal desses antigos jornalistas aponta para a incorporação das memórias e interpretações buscando fontes plausíveis de um passado apresentado como empreendedor. E também se apropria dos estudos mais analíticos dos historiadores, como o livro da Mota e Capelato (1981), que não apenas estimula a produção de uma história do diário, mas também trabalha a apresentação dele no momento do lançamento. E aí temos uma leitura e apropriação da obra, questão apresentada no próximo item.

O outro livro que usa as fontes memorialísticas, em viés diferenciado, sobre as “Folhas” dos anos 1920 é *Folhas ao Vento* (TASCHNER, 1992), produto da tese defendida em 1987, desenvolvida nos anos anteriores e analisando a *Folha de S. Paulo* dos anos 1960 e 1970. É um trabalho da autora na área de sociologia que faz uma abordagem histórica do veículo buscando entender certa linha de continuidade de uma tendência que vai se consolidando, a industrial cultural, objetivando identificar o “processo pelo qual a lógica empresarial da produção de mercadorias passou a reger a confecção de um produto.... o jornal” e passou a “ser o elemento dominante...” (p.20-21) em movimento evolutivo, dos anos 1920 aos 1970.

A autora defende que havia a lógica econômica dando suporte à imprensa que se tornava independente da subvenção política, principalmente a partir do fim do século XIX, orientando uma estrutura empresarial capaz de organizar o órgão e mantê-lo, seja como produtor da mercadoria notícia, seja como veiculador de uma mensagem considerada importante para a causa pública, tais como o esclarecimento e a posição ao Estado opressor. Embora essa lógica econômica já criasse um produto vendável, a notícia/informação, a ainda não havia a lógica da produção de mercadoria, que visava ao uso do trabalho produtivo para produção de valor, e dominava o funcionamento do veículo.

Segundo esse princípio teórico, Taschner (1992) considera empresarial a estrutura da grande imprensa no início do século XX, mas ainda não “determinada pela lógica

capitalista” (p.35). Ela usa os depoimentos de Pedro Cunha e Paulo Duarte, publicados na *Folha de S. Paulo* em 1966¹⁶, e as análises de Mota e Capelato (1981) para defender que o surgimento da *Folha da Noite* ocorreu em processo incipiente, “aventureiro”, sem gráfica e instalações, em que os proprietários eram os redatores, sem capital, em que um concorrente, o *Estado de S. Paulo*, financiou economicamente e o apoiou jornalisticamente, revelando estreitas relações sociais, quiçá de apadrinhamento entre Júlio de Mesquita e seus funcionários, com receio de afirmar que o jornal visava lucro, embora tivesse surgido para melhorar os rendimentos dos sócios. Opondo-se a tese de Sodré (1992) de que essa grande imprensa se organizava empresarialmente em lógica capitalista, Taschner (1992) considera que havia um estágio “embrionário de organização” capitalista (p.41), embora já houvesse a preocupação de atender ao mercado, estratégias de cativar o leitor, de aproximar-se dele criando textos mais leves, variando os produtos visando públicos ligeiramente diferenciados, criando seções e, posteriormente, um novo veículo, *Folha da Manhã*, demonstrando que os negócios iam bem e até davam lucros.

Em análise retrospectiva, e considerando as transformações que viriam nas décadas seguintes, a autora conclui que as “Folhas” dos anos 1920 estavam em período de transição em que elementos da imprensa moderna começavam a ser implantados.

Um ponto importante a se destacar é que esse caráter transitório é identificado nos depoimentos memorialísticos de Paulo Duarte e Pedro Cunha que rememoram aquela década da juventude e da aventura de experiências jornalísticas saudosas, personalizadas, inocentes e precárias, opondo-se às perspectivas do jornalismo do presente em que se lembram e que Taschner (1992) conceitua como verdadeiramente moderno. Nesse sentido, Tascher é a autora que mais usa os depoimentos de forma seletiva e analítica, embora não explicita que aquelas fontes se constituem em lembranças que apresentam interpretações do passado.

Histórias do Jornal no Jornal

O livro *História da Folha de S. Paulo* foi lançado em dezembro de 1981, depois de cerca de dois anos de trabalho dos dois historiadores da USP, Carlos Guilherme Mota e Maria Helena Capelato, e teria sido originado por encomenda de Otávio Frias Filho. Também contou com financiamento da empresa. O lançamento foi coberto pelo jornal, com

¹⁶ Textos comentados em parágrafos anteriores.

diversos tipos de textos por vários dias (notícia, resenha, editorial, comentário), anunciando o evento, detalhando a história escrita e discutindo o conteúdo.

A primeira aparição abrange uma página interna inteira do caderno Ilustrada, de 29/11/1981, aproximando o conteúdo informativo e cultural à promoção da empresa¹⁷. Foram escalados dois jornalistas experientes para entrevistar os autores e escrever todo o material, Ricardo Kotscho e Joelmir Betting. Duas questões importantes são apresentadas e que percorrerão as publicações de outros dias. Uma delas são os autores propondo uma baliza de leitura do livro, ou/e respondendo a possíveis críticas que existiriam nos bastidores.

“É uma história para discussão dos projetos políticos e ideológicos de cada momento, numa linha cronológica. São 60 anos de jornal, de um jornal que agora está em busca de sua memória. E é uma proposta, não é um livro fechado”.

Os autores analisaram as várias fases com proprietários diferentes que possuíam posicionamento políticos e ideológicos distintos. A obra é analítica e não se resume à narrativa factual com nomes, datas, curiosidades e fatos inusitados. Diante de possíveis estranhamentos, Mota e Capelato se adiantavam precavendo os leitores, mas também afirmavam que era “uma proposta”, estava recortada por uma subjetividade, não deveria ser cobrada como se a realidade emergisse de maneira transparente. E aqui a indagação: não seria uma resposta às críticas já existentes?¹⁸

A outra questão importante é a reprodução de uma fala que anuncia o objetivo da obra promovida pelo jornal.

“Apenas três ou quatro jornais brasileiros já têm uma história, uma tradição. A idéia da tradição é muito forte, serve para desqualificar os outros. Ora, 60 anos já são um lapso de tempo bastante significativo. De outro lado, a empresa está jogada nos conflitos mais recentes da questão da abertura, da questão da Constituinte, posição tomada em editorial. A gente começa a pensar: bom, mas com é que começou a isto? Então, é a busca dessa história e, ao mesmo tempo, a busca de um projeto

¹⁷ Os títulos das matérias são: *A História da Folha, tema de livro; Características distintas marcam as quatro fases; O fim de uma época ainda romântica*. Folha de S. Paulo, 5º Caderno, p.66, 29 Nov. 1981. Nessa página há várias fotos, incluindo a capa do livro, foto de Carlos G. Mota e de Maria H. Capelato, dos proprietários em várias fases, dos atuais proprietários, do prédio e várias instalações recentes e algumas antigas.

¹⁸ Capelato enfatiza que os autores tiveram liberdade para escrever o livro e, portanto, ele não se apresentava como versão oficial. A autora sinaliza também que criticam a diretoria daquele momento porque a democracia reivindicada pelo jornal para ser desenvolvida na sociedade não era aplicada internamente por ele, expressando incoerência. As relações internas eram verticais, as alterações editoriais eram impostas pela direção e essa dinâmica deveria ser invertida por meio da cogestão.

atual. Será que esta busca não estaria sendo comandada, de certa maneira, por uma história de longa duração?”

A citação não é nominada, há indícios de que seja de Otávio Frias Filho, mas também poderia ser de Mota. De qualquer maneira, tem a característica da visão da empresa sobre si mesma e de como o livro poderia iluminar a atuação da *Folha de S. Paulo* naquele momento de abertura política e de reformulação do jornal que daria nova feição a ele e garantiria seu crescimento no mercado jornalístico (SILVA, 1988; SILVA, 2005). Segundo essa visão, a atuação da *Folha* na virada da década estaria inscrita em uma “longa duração”, teria origens no passado e seria expressão da continuidade da tradição. Nessa perspectiva, o livro dava credibilidade e respeitabilidade à empresa, colocando-o no mesmo patamar de outros jornais tradicionais que já haviam sido objeto de publicações¹⁹.

Cerca de uma semana depois, nova publicação com chamada em pequeno box²⁰ na capa e uma página inteira no interior com três textos de jornalistas (Flávio Rangel, Paulo Francis, Mino Carta) comentando o livro e a situação atual do jornal²¹. Os três autores respeitáveis comentam a obra, apresentam-na como notícia, criticam e a relacionam com a atuação da *Folha* no presente, fazendo uma abordagem, valorizando o livro e apontando limites diferentes.

No dia seguinte, e data do evento de lançamento, sai um editorial anunciando a cerimônia daquela noite, costurando e revelando a ambiguidade: realça o viés oficial, afirmando que ela “marca o encerramento do ciclo de comemorações alusivas à passagem do ‘60º aniversário da ‘Folha’”; por outro lado, cria distanciamento ao esclarecer que os autores tinham “responsabilidade inteira e exclusiva da obra”, seguindo os preceitos científicos. Acrescentam que o trabalho contém “certamente erros e omissões, de resto como tudo que é humano”, mas apresenta uma “contribuição crítica ao estudo do passado e à construção do futuro da imprensa”. Reconhece que é uma obra séria, pois “esclarece a história da imprensa brasileira neste século e lança luz sobre a própria história contemporânea do país...”²². O jornal fala de si mesmo como agente social em voz dos historiadores. No interior da edição, mais uma página inteira explora a obra como

¹⁹ O Estado de S. Paulo já fora o objeto de dois livros de Capelato (1980; 1989).

²⁰ Amanhã, o livro com a “História da Folha”. *Folha de S. Paulo*, p.1, 06 Dez. 1981.

²¹ RANGEL, F. História; FRANCIS, P. Esta Folha; CARTA, M. Análise Imparcial. *Folha de S. Paulo*. 5º Caderno – Ilustrada, p.66, 06 Dez. 1981.

²² 60 anos, o livro. *Folha de S. Paulo*, p.2, 07 Dez. 1981.

acontecimento cultural e apresenta em destaque Pedro Cunha ainda vivo e rememorando os feitos dos anos 1920²³.

Poderíamos entender essa ambiguidade como uma postura liberal em que a empresa da época assumia e se expressava na capacidade de financiar e divulgar um livro, mesmo correndo risco de ele conter diferenças de posição em relação a ela. E essa virtude de conviver com a diversidade seria um elemento de distinção, num período em que a *Folha* catalisava bem as oposições e os intelectuais de São Paulo contra a ditadura. Também poderia ser uma forma de não se responsabilizar pelas polêmicas, ela apenas abrigava o espaço da livre expressão. Mas também há indício de divergências.

Na matéria noticiando o evento ocorrido, há elogios, as explicações dos autores sobre os objetivos e o direcionamento de leitura, já comentados, e as críticas são pulverizadas pela citação dos textos de Paulo Francis, de Mino Carta²⁴ e comentários de Otávio Frias Filho. O diretor considera que o trabalho deveria ter menos do “caráter historiográfico nitidamente acadêmico”, observa que apesar de correto “negligencia o discurso oral, em favor de outro, mais acadêmico. Eu, particularmente, teria colocado uma epígrafe como “se não é verdade, é bem provável”²⁵.

A imagem que o livro apresentou da *Folha*, principalmente ao período mais recente, incomodou aos diretores e jornalistas. Autores e jornalista faziam leituras divergentes daquela realidade e propunham outras análises da trajetória das “Folhas”. Há indícios de que um motivo de insatisfação era a diferença entre a metodologia do historiador e do

²³ A página contém quatro textos. Eles tratam do livro e da entrevista com Pedro Cunha, na idade de 87 anos. Um deles é um breve relato biográfico (*Cunha, 87 anos, uma vida para o jornal*) estampando ao lado uma foto de 1954. Ele sentado à mesa em ocasião da organização do IV Centenário. No segundo (*Os primeiros tempos da 'Folha'*), Cunha é a fonte viva. O texto usa a fala do entrevistado descentrando as ações em relação a Olival Costa, anteriormente narradas por Fernando Pati (195-). Enquanto Pati colocava Olival Costa no centro da narrativa, Cunha destaca o caráter independente do jornal, tanto no aspecto econômico como político, e comenta os dois processos que a *Folha da Noite* foi objeto na década de 1920. Num deles, Pedro Cunha foi condenado a prisão por texto que denunciava a empresa pertencente ao irmão do presidente do Estado por fazer negócios escusos. O terceiro texto (Monteiro Lobato, um nome cogitado para a direção) começa com a interpretação do redator de que o objetivo do grupo era “melhorar de vida”. Diferente de Pati, e de sua própria carta a Duarte, em 1966, Cunha relata a conversa com Armando de Sales destacando que não entendeu o sorriso dele, se era descrença ou carinho. É possível identificar certa tensão quando o grupo cria o jornal, a empreitada não teria sido tão harmônica com o *Estado de S. Paulo* como Fernando Pati contou. Cunha afirma que quando o “Estadão” deixou de imprimir a *Folha da Noite*, essa foi a segunda ocasião e de atrito e de intenção de separação. Ele sugere que haveria “despeito” decorrente do sucesso da *Folha*. Comenta também que Monteiro Lobato e Júlio de Mesquita haviam sido convidados para dirigir o jornal, na véspera Cunha conversa com Lobato, mas este desiste com o argumento de que Júlio havia sido convidado e ele que deveria assumir, entretanto, depois de uma semana “se desinteressou completamente” e nenhum dos dois participou da direção (Folha de S. Paulo. Caderno Ilustrada, p.23, 07 Dez. 1981).

²⁴ O texto de Paulo Francis é confuso, ele foge da discussão do livro, centra atenção na sua relação profissional com o jornal e apresenta quais seriam as principais características da *Folha* naquele tempo. Discorda da afirmação de Mota que a imprensa é um “fator de grande luta histórica e ideológica” travada no Brasil (FRANCIS, P. Esta *Folha*. Folha de S. Paulo. 5º Caderno – Ilustrada, p.66, 06 Dez. 1981). Mino Carta sentencia que os autores não eram tão imparciais como se intitulavam porque teriam ficado reféns de “patotas” que teriam interpretações fanáticas pelo apocalipse e interesses paroquiais. A queixa de Carta é de que os autores não explicaram adequadamente a demissão de Claudio Abramo, faltou explicitar que a saída do jornalista foi consentida porque o jornal não resistiria à pressão dos militares (CARTA, M. Análise Imparcial. Folha de S. Paulo. 5º Caderno – Ilustrada, p.66, 06 Dez. 1981).

²⁵ História da “Folha” é lançada em livro. Folha de S. Paulo. Caderno Ilustrada, p.22, 08 Dez. 1981.

jornalista. Não será possível aqui, por questão de tempo e espaço, explorar esse aspecto e analisar a abordagem de Mota e Capelato sobre trajetória da Folha nos anos 1970, entretanto é possível indicar que os jornalistas esperavam mais fatos, mais detalhes, mais personalidades e menos teoria, principalmente porque eles eram atores daquele período histórico recente e haviam vivenciado o cotidiano do trabalho²⁶. Enfatizamos aqui o embate de interpretações e de memórias, sinalizando para leituras diferentes do livro e do passado, com vieses diferenciados e elaborados pela empresa, pelos jornalistas e pelos historiadores.

A despeito dessas divergências, *a Folha* se apropriou do lançamento e publicou a relação de autoridades e personalidades da política e da intelectualidade de oposição engajados no processo de abertura e de discussão sobre projetos para o país, reproduziu trechos de entrevista com elogios ao livro e ao jornal, realçando o protagonismo da *Folha de S. Paulo* naqueles tempos de luta pelas liberdades e pela democracia com significativa convergência de toda efervescência cultural e política para aquelas páginas impressas²⁷.

Considerações Finais

As memórias dos profissionais perpassam os textos acadêmicos que a utilizam nem sempre de maneira a reconhecer que a fonte delimita a abordagem do historiador. As narrações memorialísticas também se constituem em reconstruções interpretativas do passado e se apresentam como testemunho que visa à intervenção no presente, o reconhecimento pela categoria profissional e a atribuição de autoridade por ter vivido e estado lá. A cada testemunho e texto, leituras vão selecionando e recortando o trabalho jornalístico que por sua vez produzem novos textos e dialogam com a produção anterior. Algumas interpretações são consagradas e outras consideradas secundárias ou são esquecidas. Como mover-se nesse emaranhado de recortes, ênfases e interpretações em que a história vai sendo narrada? São os desafios da pesquisa.

REFERÊNCIAS

BLOCH. M. **A Apologia da História ou ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

²⁶ E como se os jornalistas não se vissem como agentes com perfis políticos e intelectuais, pois gostariam de ler detalhes sobre a personalização dos atores, demonstrando os papéis decisivos deles como categoria atuante movido por interesses, necessidades e competências jornalísticas e técnicas. É como se as questões ideológicas fosse algo externo ao trabalho da profissão, uma interferência que rege e domina o meio vindo do externo e desconsidera a autonomia desses profissionais.

²⁷ Destacamos a presença dos depoimentos de Marilena Chauí, Dalmo Dalari, José Serra, Ricardo Othake, Deusdã Magalhães Mota (pai do autor), Franco Montoro, Eduardo Suplicy, Flávio Bierrembach História da “Folha” é lançada em livro; Sobre a importância histórica. Folha de S. Paulo. Caderno Ilustrada, p.22, 08 Dez. 1981.

CAPELATO, M. H. **Os Arautos do Liberalismo**. Imprensa Paulista 1920-1945. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CAPELATO, M. H.; PRADO, M. L. **O Bravo Matutino**. Imprensa e ideologia: o jornal O Estado de S. Paulo. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1980.

DUARTE, P. **História da Imprensa em S. Paulo**. São Paulo: ECA, 1972.

JEANNENEY, J.-N. A Mídia. In: REMOND, R. (Org.). **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: FGV/UFRJ, 2003. p.213-230.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

MELO, L. C. de. **Dicionário de Autores Paulistas**. São Paulo: Comissão do IC Centenário da Cidade de São Paulo/Editora Gráfica Irmãos Andrioli S.A., 1954.

MOTA, C. G.; CAPELATO, M. H. **História da Folha de S. Paulo: 1921-1981**. São Paulo: IMPRES, 1981.

NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**. Cultura & História. n.10, p. 7-28, 1993.

PATI, F. **A Cidade sem Portas**. Memórias de um jornalista. São Paulo: Rede Latina Editora Ltda, [195-].

PINTO, A. E. de S. **Folha**. São Paulo: Publifolha, 2012. – (Folha Explica).

SCHUDSON, M. **Discovering The News**. A Social History of American Newspapers. [S.I.] : Basic Books, 1978.

SILVA, C. E. L. da. **Mil dias**: os bastidores da revolução de um grande jornal. São Paulo: Trajetória Editorial, 1988.

SILVA, C. E. L. da. **Mil dias**: seis mil dias depois. São Paulo: Publifolha, 2005.

SIRINELLI, J. –F. Os Intelectuais. In: REMOND, R. (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV/UFRJ, 2003. p.231-269.

SODRÉ, N. W. **História da Imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, J. P. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. Chapecó: Editora Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2002.

TASCHER, G. **Folhas ao Vento**. Análise de um conglomerado jornalístico no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.